



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ZAIDA ANTUNES SISSON

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-33

Entrevistado: Zaida Antunes Sisson

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Karine Dalsin e Leila Carneiro Mattos

Data da entrevista: 12/05/2003

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Ana Maurmann

Pesquisa: Camile Romero

Fitas: (01 fita) 33/01-A e 33/01-B

Total de gravação: 40 minutos

Páginas Digitadas: 21

Catalogação: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01935/2008/01

Número de registro da fita: 01935/2008/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

SISSON, Zaida Antunes. *Zaida Sisson (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Início da carreira; panorama do esporte e da natação na época; relato sobre seu afastamento das piscinas e seu recente retorno; o apoio familiar; considerações sobre namoro e casamento; reflexões sobre a mulher na sociedade; experiência junto ao esporte master; atuais problemas de saúde; relato a respeito dos treinamentos e das primeiras competições; o apoio por parte da mídia; recente recorde sul-americano; a participação no ballet; depoimento a cerca de suas vivências, como aluna, na educação física escolar.

Porto Alegre, 12 de junho de 2003. Entrevista com Zaida Antunes Sisson, a cargo das entrevistadoras Karine Dalsin e Leila Carneiro Mattos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

Z.S. - Tu é Dalsin? O teu pai o que é?

K.D. - O meu pai... É que eu sou do interior, sou de Carlos Barbosa¹.

Z.S. - Ah, porque tinha um Dalsin que era oficial da aeronáutica. Que é do tempo do meu marido.

K.D. - Não conheço.

Z.S. - Dalsin!

K.D. - Bom, Zaida a gente gostaria de começar a conversa contigo pedindo que tu nos falasse um pouco de como tu começou a praticar esporte.

Z.S. - Bom, eu comecei a praticar esporte, porque eu tinha um primo que ele ensinava nadadores e me levou no Grêmio Náutico União² – Guaíba³. Eu nadava no Guaíba! E era uma piscina flutuante que tinha na beira do Rio, que tinha vinte e cinco metros, feito tudo de madeira. E lá eu comecei a... Eu nadava cachorrinho, como se dizia. Tu sabes o que é cachorrinho?

K.D. - Acho que sei.

Z.S. - E aí eu comecei a... Um treinador que foi a alma de tudo que eu sou, que se chamava Felício Lamegek⁴, ele era engenheiro, mas todos naquela época eram... Ninguém ganhava nada, eles faziam aquilo por amor. E ele foi o único que me agüentou, porque eu não

¹ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

² Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

³ Rio Guaíba

⁴ Nome sujeito a confirmação

queria fazer isso, não queria fazer aquilo e ele acabou me domando e eu treinei tudo direito. Então, na verdade, a alma de tudo foi esse meu treinador. E eu comecei a treinar, eu tinha onze anos, comecei a ganhar e fui ganhando, já com doze anos, eu já nadava com pessoas de mais de quinze anos. E fui ganhando até que eu me aposentei no esporte de competir aos dezesseis anos. Ganhando tudo e batendo recorde em tudo. E, infelizmente, a gente... Antigamente era as coisas difíceis... Bem poucas pessoas praticavam esporte, as mulheres... Homens, sim! As próprias... Na Sogipa⁵, às vezes, eu fui, eram raras, eram duas, três, no máximo quatro pessoas fazendo atletismo. Então, naquela época a mulher não estava muito no esporte. Mas tivemos uma pessoa que foi um grande repórter esportivo, Túlio De Rose, que foi uma pessoa muito importante, começou a fazer divulgação no jornal. Ele era do Correio do Povo⁶, que antigamente era o jornal mais importante aqui. E ele começou a dar propaganda do esporte. Ele foi a alma de tudo! E duas pessoas naquela época se destacaram, uma foi Carlos Simon⁷, nadador do União, ele nadava perfeito, ele ganhava tudo, sabe, embora não treinasse muito. E eu era a infantil. Depois eu fui subindo, fui ganhando as coisas e acabei com dezesseis anos e na verdade ganhando todas as provas, que era vontade do meu pai. Infelizmente deixei muito cedo de nadar. Agora, a coisa mais importante que aconteceu na minha vida no esporte é que depois de sessenta anos, isso eu não te contei, eu voltei a nadar. E para minha surpresa eu ganhei tudo e bati todos os recordes, até Sul-americano. Então, isto eu acredito, uma vez eu disse para uma... Me entrevistaram, mas isto era uma outra... Perguntando qual era a coisa mais importante da vida. Nós éramos diversas senhoras. E aí todo mundo, sabe: “Porque meu filho isso, porque meu filho aquilo, porque a minha mãe, porque isso e aquilo”. Aí uma disse assim: “Zaida, o que foi mais importante na tua vida?” Eu cheguei e disse assim: “Porque a coisa mais importante da minha vida foi, depois de sessenta anos, eu voltar a nadar!”. Bom, foi um silêncio. Aí todo mundo caiu em cima de mim. Agora tu pensas bem, tu és uma dona de casa, está há sessenta anos cuidando de filho, de marido, de neto.... Uma hora... Depois de sessenta anos o União diz assim: “Ah, estou precisando de ti para tu tirares o terceiro lugar”. Aí tu vais na segunda prova sem treinar, tu bates o recorde Sul-americano”. Eu não sei, eu acho isto uma coisa fantástica, sabe? Agora, pode os outros não

⁵ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

⁶ Jornal da cidade de Porto Alegre ligado ao grupo Caldas Júnior

⁷ Carlos Eugênio Simon, nascido em 3 de setembro de 1965, árbitro de futebol, formado em jornalismo pela PUC-RS.

achar, porque não são esportistas. E bati o recorde Sul-americano. Então isso foi uma coisa assim, acho que até eu sou outra pessoa, viu? Sabe, porque... E continuo a nadar. Infelizmente agora eu estou meio... Me apareceu umas coisas assim, mas se Deus quiser, eu vou voltar e vou bater ainda os meus recordes.

K.D. - E como é que era o apoio da tua família, teu pai, tua mãe, teus... Tens irmãos?

Z.S. - Tenho muitos irmãos! O meu pai queria que eu nadasse, mas, realmente, ele me estragava. Porque naquela época, ele queria, assim, que eu não comece feijão, nada pesado eu podia comer, era um atraso. Ele era médico e tudo, então só podia comer arroz, carne não muito e muita verdura, que eu não gostava. Então isso era um horror! Outra coisa, ele não deixava eu ir ao cinema, não deixava eu namorar, até porque ele era uma coisa. A gente... Com onze anos eu comecei... A namorar com quatorze anos, não foi com onze! Mas ele não deixava eu ir a baile, nada! Era um horror! Um dia eu disse assim: “Pai, tu deixas eu sair que eu não quero nadar mais!”. “Está muito bem, tu tens que ganhar tudo”. Ah, aí eu quase me matei. Porque tu vês, uma criança naquele tempo, quatorze anos a gente era criança, sabe? Eu usava camisola, eu tinha camisola com quatorze anos. Então, e a gente não podia fazer coisa de menina moça. Porque, antigamente, namoro era diferente, eu tive um namorado, levei quatro anos para ele me pegar o dedinho. Quatro anos! Um dia ele me pegou o dedinho, eu quase tive um choque elétrico. Quatro anos. Então tu vês. É outro mundo! E tu vês, eu uma menina cheia de saúde, que eu tinha e vontade disso e vontade daquilo. E tinha uma coisa, a coisa que eu mais queria, era dançar coladinho com o namorado, mas não assim como hoje. Assim mais juntinho. Eu tinha que dançar assim ó. Aí se eu não fazia, o pai fazia assim para mim. Olha, tu vê se é possível uma coisa dessas! E, às vezes, eu estava lá do outro lado, eu vinha para cá. [risos] Não é de acreditar. Não, não podia. Então foi assim, a vida era...A minha foi uma vida castrada. Agora, depois que eu casei... Não, foi depois! Eu casei, tive os filhos, como era da época, a gente não fazia outra coisa, só cuidava de criança, de marido, de casa. De uma hora para outra, eu sempre quis estudar. E o meu pai dizia assim: “Filha minha é para dentro de casa!” Um médico! Então eu fiquei “filha minha para dentro de casa”. Então, foi aquilo. Aí eu comecei a trabalhar, porque o meu marido era jogador e eu tinha cinco filhos para criar. Então o que eu fiz? Eu tive que trabalhar. Aí, eu só tinha ginásio e fui tirar o pré, tudo bem! Mas o pré era três anos, então... E o dinheiro? Aí o que eu fiz? Resolvi trabalhar! Mas em que? Eu fui

vender livro. Foi o meu destino, por quê? Era uma enciclopédia muito famosa que foi lançada e eu vendi que foi uma coisa horrorosa. Comprei um Fusca⁸ para mim e conheci a vida, que eu não conhecia. Por exemplo, muitas senhoras: “Olha, vai lá que o meu marido vai te comprar!”. Aí eu ia lá. Sabe o que acontecia? Os homens tudo me passavam a mão na bunda. Era uma coisa tão horrorosa! [risos] Eu sempre levava uma mão na bunda. Se não era no princípio, era depois. Por que, sabe o que eu fiquei sabendo? Mas é verdade, vocês não pensam, não! Sabe o que era? Sabe quem era vendedora de livro? Eram prostitutas aposentadas. Mas é verdade!

K.D. - Que data era isso?

Z.S. - Isto, eu tinha o que? As coitadas, sabe? Eram pessoas tão boas, eu conheci as pessoas tudo. Tu não imaginas que pessoas boas [risos]. E elas me diziam coisas que eu ficava roxa, branca, vermelha, não sei o que! Um dia ela disse assim: “Sabe Zaida, tu está precisando é de um homem!” [risos] Eu subi pelas paredes! Ela assim: “Sabe, olha, eu tenho um apartamento, aí eu deixo tudo lá, garrafa... Agora, a garrafa, o uísque tu vai me pagar, os lençóis, essas coisas eu não me incomodo que eu pago. Tu vai para lá, coisa”. E eu não sabia nem o que falar. Agora tu imaginas, me dizer uma coisa dessas! E vinha uma, vinha outra: “Zaida isso, Zaida aquilo!”. Eu disse assim: “Olha, tu sabes que eu gosto muito de vocês, vocês são maravilhosas”. E elas eram mesmo, pessoas boas. Às vezes quando eu estava triste: “Zaida, levanta, levanta!” Sabe? Elas eram maravilhosas, sabe? Eu conhecia essa gente. Antigamente, não sei se hoje é a mesma coisa. Elas foram boníssimas e elas me botaram num mundo de realidade, sabe? Eu comecei a ver que elas não eram o que diziam, elas eram umas pobre coitadas. E eu comecei nisso a conhecer o mundo, que foi uma coisa que eu não conhecia. Mesmo com essas coisas, eu acho o mundo maravilhoso. É só a gente ver as coisas boas que a gente tem, não é? Que eu tive muitas, e tenho, que vale a pena viver e a gente lutar pela vida, de tudo quanto é jeito. Então foi a grande... Meu grande vôo foi as prostitutas, que elas eram maravilhosas! Foram as pessoas... Às vezes elas estavam doente, doente e me chamavam. Elas acabavam morrendo, às vezes era AIDS. Sei lá, naquele tempo, a gente não sabia, tantos anos. Estou com setenta e sete. Eu tinha o quê neste tempo? Uns vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco anos. Que seja trinta. Que seja trinta que eu comecei. E aí, na verdade, o mundo

⁸ Automóvel da fabrica Wolkswagen lançado em 1935

abriu para mim, quando eu comecei a trabalhar. Depois eu tirei curso de corretor de seguros e fiquei muito bem, graças a Deus! Até que criei os meus filhos, porque esse meu marido, eu me separei dele, ele era aviador da aeronáutica, mas jogador. E ele além – isso eu não quero que vocês botem [trecho retirado a pedido da entrevistada]. Até que eu tive que dar um fora nele porque eu tinha cinco filhos para criar. Um já estava na faculdade, mas mesmo na faculdade, tu tens livros... Ele é médico. E eu tive que agüentar aquilo que era difícil. A minha... Tu vê, era tão atrasado naquela época... Vocês não vão botar isso, eu estou dizendo isso [trecho retirado a pedido da entrevistada]. Como é que eu estava trabalhando. E eu tive amigas mesmo que não falavam comigo. Depois passou os anos assim, um dia até nós comentamos isso, mas passei. Eu acredito, as pessoas, assim, de melhor posição de dinheiro, elas não trabalhavam. Elas, às vezes, até podiam fazer crochê, qualquer coisa em casa, escondido, mas ninguém se expôs como eu. E aí que foi... Eu acho que foi a grande chance da minha vida. Porque eu gosto muito de pessoas. Ajudo muitas pessoas, assim, porque, mesmo hoje, eles têm muita dificuldade em muita coisa. Eu vejo, às vezes, quando estão doente, é muito difícil. Então, eu procuro fazer o que eu posso. Eu acho que isso são as coisas importantes da minha vida. Eu acho. Com as prostitutas. [risos] As maravilhosas.

K.D. - E na questão da natação, tu sentiu em algum momento...

Z.S. - Não, eu parei de nadar porque o meu pai me obrigava a nadar muito, sabe? Ele não me deixava namorar, era um horror. Eu deixei com dezesseis anos, ganhei tudo e parei. Bom, aí eu casei, me separei, me juntei com esse agora, que nós não somos casados, porque eu não quero. Mas a... E aí voltei para o Rio Grande do Sul, eu morava em São Paulo⁹, fui muito feliz. E lá, na verdade, um dia eu indo para um clube lá, sabe? Uma amiga disse: “Ah, Zaida, tu vem com um maiô que nós vamos nadar!”. E eu comecei a nadar e as pessoas cresceram o olho e disseram assim: “Ah, quem sabe a senhora vem nadar aqui?”. Eu disse: “Não, mas eu entrei aqui porque eu paguei para nadar com essa minha amiga”. “Não, a senhora vai ter que nadar! Porque a senhora é muito boa! A senhora não sabe como nada bem!”. Eu digo: “Ah, é?”. Aí ele chegou e me fez uma proposta de eu nadar lá. É que eu não sabia dos *masters*, sabe? Eu achava que era só coisa. Eu achei que ele estava louco ou estava brincando. Agora, que eu nadava bem eu sabia. Aí ele me fez

uma proposta de eu ficar no Palmeiras¹⁰, não precisava, ficava como sócia esportiva. Mas aí eu vim embora para o Sul. E eu cheguei aqui, um dia o meu clube estava mal e me pediu para eu tirar terceiro lugar. E disse: “Ai Zaida, tu nadas, tens que fazer ponto...” Aquelas coisas assim, sabe, esportiva. Eu disse assim: “Mas como é que eu vou nadar, porque isso e aquilo?”. “Não tem importância, tu tira um terceiro lugar, é um pontinho que tu vai dar para o União. Tu vai nadar três provas, faz um pontinho de cada”. Eu disse: “Tá, tudo bem!”. Ganhei as três! E aí eu vi que eu tinha que treinar. E agora eu estou assim, mas até então eu estava ganhando tudo quanto é campeonato, de costas e de frente, porque antigamente a gente nadava só um estilo e hoje a gente nada dois. Então eu comecei a ganhar todas, umas medalhas lindas, maravilhosas, porque antigamente eram umas porcarias, agora são umas coisas bonitas assim. E eu estava feliz. Aí o que aconteceu? Eu me gripei e tive que sair. Estou, desde setembro do ano passado, até hoje. Eu pego uma coisa, pego outra, pego isso, pego aquilo. Agora eu tenho um negócio de coluna, sabe? Olha, eu sei que eu desmontei! Então eu agora só faço fisioterapia, mas o que eu vou fazer. Não sei se eu peguei assim porque eu estava parada sessenta anos, então não sei se foi forte. Como eu sei nadar, era fácil nadar, porque eu nado tranqüilo, sabe? Mas sabe, chega na hora de nadar, tu está botando uma força, tu tem garra, eu acho que foi isso que me estragou. Coluna? Eu nunca tive nada. Estou toda enfaixada. Então eu estou parada agora, mas agora até... Vou fazer fisioterapia, estou fazendo... Meu joelho, meu menisco arrebentou, tive que operar. Ah, foi uma coisa. É que eu parei muitos anos. Eu não tive ninguém. Mas será que as pessoas não sabiam que eu tinha que me preparar. Ninguém me disse nada, só me pediam para nadar, eu nadava. E me estraguei. Para tu ver, eu estou com setenta e sete anos, sessenta anos parada. Um absurdo. Mas em todo caso, para mim foi uma coisa muito boa. Voltar a nadar e eu nem sabia, porque eu nadava obrigada e agora eu nado porque eu gosto. Eu às vezes chego a sonhar que estou nadando. Agora, um médico... Porque eu estou com um médico aqui, da coluna e do joelho. O médico da coluna me deixou nadar, não, o meu médico clínico. Agora, o da coluna eu não perguntei e nem o do joelho, então eu não sei o que vai ser da minha vida. Estou esperando uma hora voltar. É maravilhoso, mas em todo caso, o que eu vou fazer, tem que agüentar.

⁹ Estado Brasileiro

¹⁰ Palestra Itália, fundado em 26 de agosto de 1914, que em 1942 muda seu nome para Sociedade Esportiva Palmeiras

K.D. - Eu gostaria de conversar contigo um pouquinho mais sobre a época em que tu começaste a nadar mesmo.

Z.S. - Ah, sim!

K.D. - Trinta e seis. Tinhas onze anos?

Z.S. - Eu acho! Onze anos! Trinta e seis, justamente! Bom, naquela época, quem nadava mesmo, competia, eram os homens e as mulheres era muito pouco, mas elas não treinavam, sabe? Eu acho que tinha umas que eram de um clube, o GPA¹¹, que chamava, que era de alemães, esse clube é muito importante. Elas nadavam “à la braço”. E quem nadava... A mulher não era importante, os importantes eram os homens só. Tinha umas lá que eram descendentes de alemães que nadavam, mas elas não tinham vivências nem nada. Aí depois, quando começou a nadar mesmo, que teve repercussão, que era uma coisa, assim *fantástica*, foi no meu tempo e do Carlos Simon. Tinha outros que já tinham nadado antes, mas não teve essa repercussão. Eu acredito, isso é muito importante, chama-se Túlio De Rose, para vocês botarem. Ele foi uma coisa muito importante na natação. Ele era repórter do Correio do Povo, naquele tempo era o melhor de todos. E então esse homem foi o que... Uma coisa que deu aquela projeção, eram páginas assim, sabe? Eu, uma vez saí numa, deste tamanho. O Correio era maior assim, era quase a página inteira e o meu retrato e o do Carlos Simon também. Era uma coisa assim fantástica. Então, aí é que começou mesmo a vingar a natação, tinha outras assim, mas dali é que foi tudo. E dizer que eu gostasse naquela época, não gostava! Por causa do meu pai. O meu pai não me deu o que eu acho muito importante, que é o amor pelo esporte. Não é só te ensinar o esporte, tu tens que *ter alegria* no esporte. Isso ele nunca atinou, uma coisa dessa, porque hoje eu nado, agora eu estou parada há meses. Eu nado com amor. Aí também bati recorde Sul-americano, tudo. É diferente. Então, eu acho que a coisa mais importante no esporte é as pessoas terem amor pelo que estão fazendo e não obrigado. Porque os clubes até botam pessoas assim por causa de pontos, sabe? Eles são assim um pouco culpados eu acho. Isso não é o esporte. O

¹¹ Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre - Em 28 de novembro de 1936, o Club de Regatas Porto Alegre (antigo Ruder-Club Porto Alegre) fundiu-se com o Club de Regatas Guaíba (antigo Ruder-Verein Germania), resultando o Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. Manteve-se como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21 de novembro de 1888) razão pela qual o GPA é considerado o clube de remo mais antigo do Brasil.

esporte tu tem que fazer consciente. E depois tem uma coisa, não te matar, porque eu me matava. Eu com doze anos, hoje qualquer um nada 1.500, mas naquela época, ninguém nadava e eu já nadava. Aquilo era uma estupidez! Eu, por exemplo, com onze anos, atravessei o Guaíba. Tu sabes qual era o trajeto do Guaíba? Tu descias, tu saías mais ou menos, um pouco antes da ponte, tu, vindo daqui, e tu ia até o cais principal do Porto. Tu imaginas uma coisa dessas, uma menina de onze anos. Tinha aguapé por ali, por tudo. De vez em quando tu entrava num aguapé... Eu nem sabia, fiquei sabendo agora, disse que lá era, assim, de cobra. As cobras mais venenosas estão no aguapé. Eu soube agora esse ano. Com um médico que é lá do União e eu vivia no meio dos aguapés, tu vê! Agora, eu nunca soube se alguém morreu, eu nunca fiquei sabendo, mas o Dr. Henrique Licht¹², ele foi médico do União, fez um mundo de coisas pelo União, ele disse... Eu fiquei apavorada, aquela noite eu não dormi, porque eu disse assim: “Meu Deus, do que eu me salvei na vida!”. Então, e eu não sei, talvez alguém tenha morrido e a gente não tenha sabido, porque não se tinha divulgação, qualquer coisa. Eu não sei, sabe. Mas enfim, sobrevivi. E na verdade, eu estava dizendo, sabe? O esporte é uma coisa maravilhosa. O esporte te dá força em tudo. Eu para ter filho, o médico disse que eu tinha a vagina, tudo... E esse médico sabia que eu nadava, mas não tanto. Passou anos ele me disse: “Sabe Zaida, tu tinha os filhos daquele jeito, porque tu eras esportista”. Tu vê. E não é... O esporte me deu uma garra na vida, sabe? É uma coisa fantástica! Eu acho que devia ser uma coisa mais obrigatória, mas uma obrigação com amor. Dar amor pelo esporte, porque é uma coisa muito importante. Muita gente faz isso. Mas é uma...Mínimas. Mas, tudo bem. Uma hora vai acabar que todo mundo tem que fazer esporte. Devia mesmo! Todo mundo devia fazer esporte. Porque tem muitos esportes. Tu podes gostar de uma coisa... Eu, por exemplo, correr jamais! Eu não seria uma atleta de... Não faria. Então, a gente tem que ver o que... Por exemplo, a natação me dá muito prazer, e eu tenho amor com ela. Tu vê, eu nado, eu saio limpinha, fresquinha, eu saio de lá, estou com o cabelinho molhadinho, assim tudo. Eu acho assim o esporte maravilhoso! Natação. Não sei se tu já viste uma atleta de corrida? Ela sempre está vermelha, suada e não sei o quê. E a sensação que a natação dá para a gente. Eu acho aquilo um pavor! Eu tenho uma prima, que até ela é mais velha do que eu, e ela anda todo dia no Parcão¹³, não sei quanto. Quando ela vem eu olho assim, eu não acredito, ela está *vermelha*, sabe? E *suada, aqui tudo molhado de suar!* Bom, cada um tem

¹² Henrique Felipe Bonnet Licht

seu gosto. Eu acho isso. Ela até é uma pessoa que anda bem, tudo. Eu até vou comprar uma esteira para mim, porque para andar por aí, já me assaltaram duas vezes. E tem que ir para o Parcão. Aí então, eu acho que é uma boa, mas na rua não dá muito para andar, só indo para o Parcão mesmo. Mas é que lá é muito grande, as voltas, para tu começar, e corta para lá e corta para cá. Não é lá muito o meu, não. Pois é, eu acho que é só o que eu, o que eu tenho para dizer para vocês.

K.D. - Como era o teu treinamento? Porque tem a questão do inverno e do verão?

Z.S. - Ah não, não se nadava! Em março tinha o último campeonato. Era um frio desgraçado, porque antigamente era diferente de hoje, sabe? Inverno, era *inverno*! Verão, era verão! Por exemplo, nós tínhamos veranico de maio, que é uma coisa muito... Todo mundo fala muito. Em março tinha um campeonato, era um frio, um frio, sabe? Eles até depois botaram um pouco antes, não sei, depois eu saí, não sei. E era um veranico assim, mas eu nunca nadava. Eu começava a nadar em janeiro. Era janeiro, fevereiro, depois tinha que parar, porque era um frio, uma coisa horrorosa. Não tem nada dessas temperaturas de agora. Agora tem até piscina quente. É tudo diferente. Então a gente não tinha recordes assim tão bons, porque a gente ficava parado. Eu, por exemplo, a única coisa... O esporte que eu fazia, que eu fazia dança clássica. Então, isto também, a dança clássica me deixou forte também, sabe? Mas, tu não pode fazer os exercícios de dança clássica para natação, natação é uma coisa, cada esporte tem a sua parte física, não é? Então era assim difícil. E eu acho que eu tive, na época não foi muito bom, era muito... Estava muito atrasado, o esporte. Ninguém me fazia fazer respiração, ginástica, nunca com o meu professor. Eu fiz ginástica, no verão. Eu só nadava, eu caía, eu nadava. Hoje não, tu faz alongamento, tem um mundo de coisas e eu não peguei isso. Naturalmente os recordes não foram bons, naquela época teve outras pessoas também, teve uma que era a Maria Luiza Azambuja¹⁴. Essa foi de um clube, o Grêmio Náutico Gaúcho¹⁵. Ela também foi uma grande nadadora. Teve a Vera Schuch¹⁶. Vera Schuch, que nadava “à la braço”. Teve uma de costas, agora essa eu não sei. A de costas eu não me lembro. Antigamente era assim, a gente nadava só um estilo. Hoje não, tu tem que nadar dois estilos. Eu nado de frente e de costas. É que

¹³ Parque Moinhos de Vento, denominação recebida em 09 de novembro de 1972.

¹⁴ Nome sujeito à confirmação

¹⁵ Fundado em 1928.

¹⁶ Nome sujeito à confirmação

agora está tudo adiantado. Antigamente não. Eu às vezes eu queria nadar de costas e o meu treinador: “Não, não pode nadar!”. Tinha que só nadar um. E assim foi, eu peguei uma época muito boa. As pessoas sempre me fizeram muito festa, e eu achava...Não só as minhas amigas, mas os pais achavam aquilo lindo, sabe? Eu fico feliz com isso, porque pelo menos eu devo ter dado muita alegria para muita menina fazendo esporte, porque as coitadas, ninguém fazia naquela época, porque os pais não faziam, aquela coisa. Então isto eu acho que foi a contribuição que eu dei, porque eu sei que para muitas pessoas, pais. Mudaram a idéia do esporte, que não era só para homens. Olha, foi um tempo muito feliz, aliás, Deus me deu bastante na vida, eu costumo dizer.

K.D. - Tinha bastante público para assistir essas competições?

Z.S. - Ah, estava cheio...

[FINAL DA FITA 33/01-A]

Z.S. - Quantidade de gente que tinha! Quer dizer, era um esporte que ainda não estava assim, muito popular. Mas a curiosidade era grande. E eu via mesmo quando eu andava assim na rua. “Olha, aquela é a Zaida Sisson!”. Então eu acho que isso pelo menos eu fiz alguma coisa sem querer para... Meu pai era um homem muito conhecido. E esporte geralmente era para gente mais simples. Isso foi outra coisa que eu vi, que eu contribuí com isso. As minhas amigas, elas primeiro ficavam assim, depois, como eu saía muito em jornal. E então elas aí já foram... Mas elas não achavam uma coisa muito legal, assim. Quer dizer que... Mas o meu pai não, ele gostava. Ele era um homem muito viajado, tudo. Gostava do esporte, besteira! Para mim só me fez bem! Sabe, o esporte só me fez bem, e até hoje. Porque hoje, eu tenho necessidade, porque eu fiquei asmática. E agora mesmo, ontem o meu médico estava dizendo que eu devia voltar a nadar, isso era uma coisa importante. A única coisa agora é a minha coluna. Infelizmente, mas isso vai endireitar, então, estou fazendo de tudo. Porque eu acho que esse negócio de se aposentar não dá! A gente deixa de trabalhar, claro, por causa da idade, mas hoje tu tem o esporte para terceira idade. Que eu acho uma coisa muito importante. Não tem tanto público assim, não é uma coisa muito divulgada, mas é pena, sabe? Porque eu sei que tem senhoras que nadam comigo lá no União. O olha, tem umas seis ou sete, sabe? Mas elas são muito engraçadas.

Eu, quando eu cheguei lá, não é? Ela vieram: “Ah Zaida, tu sabe, nós temos aqui uma combinação”. Eu disse assim: “De que?”. “Não, aqui cada uma ganha uma prova!” Eu disse: “*O que?*” Ela chegou e disse: “Sim, porque todas nós, na prova, uma nada de costas, outra de frente, deixa ganhar a outra para ficar com a medalha de primeiro lugar”. Eu disse: “O que? Ó minha filha, vocês estão raladas comigo! Porque eu vou... Tudo o que eu puder eu vou”. Olha menina, as velhas, ninguém falava comigo. [risos] Ora, poxa! Agora vou estar dando primeiro lugar para as outras, tá louca! Olha, tu sabe que elas nem me cumprimentam. Acabei com os primeiros lugares delas, porque cada uma ganha um primeiro lugar. Imagina, no esporte. Eu disse: “Ah minha filha, se vocês puderem me ganhar até vai ser bom para mim, porque eu vou ter uma concorrente!”. Porque eu não me esforço. Então eu queria ter uma concorrente, mas não tem. Mas não adianta tudo, viram a cara para mim. [risos] [tosse] Acabei com a graça delas. Não, mas não é por mal, mas isto não é justo. O esporte é a melhor. Mas, para aí, umas que mal sabem nadar, eu vou perder delas? Vão dizer o que de mim? Não é? Se elas me ganharem até estou satisfeita. Aí eu vou treinar mais, porque eu nem treino. Então eu acho que é só. Olha, eu acho isso que vocês estão fazendo, uma coisa muito importante! Porque tudo tem um caminho, o esporte começa para crescer. Tu tem que ter uma história, porque ninguém... Por exemplo, hoje até as pessoas chegam já está tudo formado. Mas até formar, ou até as competições, tudo são diferentes. Então isso teve um caminho. Então, isso que vocês estão fazendo, para muita gente, que as coisas não vieram assim. E levaram anos. Eu mesmo, eu passei sessenta anos sem nadar, não é? Porque casei, filhos, essas coisas. E não tinha mesmo os *masters* assim, que isso é uma coisa muito antiga na Europa, mas aqui não é. Eu acho isso muito importante. Infelizmente esse ano eu comecei com essas coisas de gripe daqui, gripe de lá, e joelho, esse ano foi... Se Deus quiser eu vou sair.

K.D. - Quando tu nadavas aqui, nadaste só em Porto Alegre¹⁷ ou...

Z.S. - É, nós não saímos muito de Porto Alegre, porque também houve a época da guerra. Eu mesmo, uma vez eu fui nadar no Rio¹⁸ uma vez e fui de navio. E era tempo de guerra, o Brasil ainda não estava na guerra. E a gente ficava com medo, submarino, aquelas coisas todas. E eu acabei tirando terceiro lugar, que era para ter ganho. Eu fui vomitando daqui

¹⁷ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁸ Cidade do Rio de Janeiro.

até lá. Vocês não imaginam, eu cheguei lá, eu era um fiapo. Aí, depois, quando a minha irmã e o meu irmão nadaram, que foram campeões, mas infantil, eles não foram classe aberta. Ali estão, vou mostrar para vocês. [mostra fotografia] Ó, esta minha irmã foi uma grande campeã, só que ela foi na parte infantil, ela é falecida. Eu tenho muito mais, é que eu botei... Eu tinha tanta medalha que foi tudo, tudo. Meus filhos venderam todas as minhas medalhas. Esse meu irmão também foi campeão brasileiro. Esse aqui não, esse aqui nunca foi nada.

K.D. - Tua família tinha bastante incentivo para praticar esporte?

Z.S. - Eu tinha o meu irmão, que meu irmão, que era atletismo. Aqui tem uns retratos meus, ó. Vem cá que eu vou mostrar o Carlos Simon para vocês. Olha, isto aqui era o União, isto aqui era uma plataforma lá em cima que tiraram a fotografia. Olha aqui, ó! Vocês vêem que nós estamos no alto? Aqui eles saltavam para o rio, os que saltavam, viu? Aqui foi a piscina do União tinha uma coisa assim... A piscina do União desbotava e tiraram a fotografia. E aqui está o Carlos Simon, este aqui é o meu treinador, este é o Carlos Simon. Esse aqui foi um, Petteson¹⁹, esse Hugo Ernan²⁰, esse era Barth²¹. Esse aqui eu não me lembro o nome. E esse era o meu treinador, ó. Esse é o Carlos Simon, e tu vê, ele nem era um homem muito alto, ele era forte. Isso aqui era o *waterpolo*. Eu tinha onze anos e eu era mascote deles. Esse jogavam *water polo*, vocês sabem o que é *water polo*?

K.D. - Tu começaste a nadar nesta época?

Z.S. - Ah, eu já nadava, nadava, eu já era campeã de onze anos. Aqui, está também, este aqui é o Carlos Simon, o grande campeão. Este é o Túlio De Rose, este aqui foi tudo na natação, esse aqui [mostra fotografia]. Esse era o meu treinador. Essa era uma campeã brasileira que veio para me ganhar aqui, perdeu tudinho. [risos] Ela era uma baita duma mulher, ela era um touro assim, sabe? E eu assim, mirradinha, sabe? Essa aqui chegou, perdeu tudo! Perdeu 100 metros, perdeu tudo!

K.D. - Lembra o nome dela?

¹⁹ Nome sujeito à confirmação

²⁰ Nome sujeito à confirmação

Z.S. - Inês Rinaldi²²! Ela era Rinaldi, agora o nome eu não sei! Esse aqui era o meu pai e a minha mãe não está aí. Esse aqui era o meu pai, esse era o presidente... Esse era muito importante, esse Milton Neto²³ que fez a piscina do União, se não fosse ele, não teria feito aquilo. Ah, essa aqui era a D. Ada De Rose²⁴, o marido dela era muito importante, ela era cunhada deste. Esse aqui nem me lembro, esse aqui era o meu... Felício Lamegecker²⁵, como eu ganhei dela, ele era o meu treinador, ele fez essa... Tu vê que a cara dela é de braba. Claro, perdeu [palavra inaudível] muito, já imaginou?

K.D. - Como é que eram as roupas que tu nadavas? Os maiôs, o material?

Z.S. - Ah, olha aqui ó! Tudo assim, não tinha coisa...

K.D. - Que material era feito?

Z.S. - Olha, esse aqui era uma coisinha crespinha assim, não sei. Olha, essa aqui era a piscina... Isso era assim ó! Eu tinha assim, às vezes, eu tinha uns estampados assim. Porque eu sempre tinha três maiôs, sabe? Para secar de um dia para outro.

K.D. - Mas pouco cavado?

Z.S. - Não, tudo assim ó! Olha aqui ó. A diferença era aqui, nem nas costas era assim. Isso aí sou eu com os meus filhos e o meu marido. Isso aqui é a minha mãe, era a minha mãe, bem bonitinha que ela era...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

Z.S. - Graças a Deus eu pude criar os meus filhos normais. Eu não quero que seja... Meu pai exigia que a gente... Por exemplo, eu sempre queria estudar, ser médica. Como ele. E

²¹ Nome sujeito à confirmação

²² Nome sujeito à confirmação

²³ Nome sujeito à confirmação

²⁴ Nome sujeito à confirmação

²⁵ Nome sujeito à confirmação

ele: “Filha minha para dentro de casa”. Agora tu vê. “Filha minha é para dentro de casa!” Então a gente não podia ser grande coisa mesmo. Não tinha chance na vida.

K.D. - Em relação ao esporte, como eram as oportunidades para as moças praticarem esportes?

Z.S. - Tinha bastante, elas tinham todas oportunidades! Tanto, por exemplo, eu sei da Sogipa. Que era um grande clube de atletismo. Tinha muita gente. Eu dizia assim... Teve uma que foi muito importante, que foi a Liselote²⁶ ... Eu só sei agora dela casada Barth, ela era Liselote, tinha um nome alemão. Ela foi uma grande atleta. E ela teve muita oportunidade. Casualmente ela foi minha vizinha, então eu sabia assim de atletismo, que, aliás, a Sogipa também me convidou, mas eu não era muito de coisa. Era no tempo dela. E as mulheres tinham, porque aqui tinha muito era colônia alemã, mais adiantada. Agora, o meu pai, viveu muitos anos na Alemanha. Eu sou descendente de alemão e de francês. Então, ele já tinha outra cabeça nesse negócio de esporte e de filho, mas infelizmente ele... Por exemplo, essa minha irmã, sabe, eu briguei tanto com o meu pai, eu chorava tanto que ele largou os meus irmãos mais moços. Então, eles foram felizes, não tiveram. Sempre, sabe, tem uma assim, que abre. Eu brigava com o meu pai todo dia, uma coisa horrorosa! Porque eu não podia fazer isso, não podia fazer aquilo. E a outra, ela graças a Deus, que ela faleceu cedo. Então pode sair, fazer, aproveitar bem, casou bem, namorou bem [risos].

K.D. - Poderia nos contar um pouco mais sobre a tua passagem pela dança?

Z.S. - Olha, eu tinha onze anos e desde pequeninha eu dançava. Dançava com o meu pai, dançava assim balé, tudo horrível. A minha mãe não gostava muito, porque ela era também um pouco austera, ela achava aquilo muito... Mas acabei que eu fui para a Tony Seitz²⁷, vocês já devem ter ouvido falar nela. E ela até... Eu dançava, mas era um sacrifício tremendo. A gente todo dia saía... Nós éramos duas vezes por semana como os pés ensangüentados de ponta. Era uma coisa horrorosa! E naquele tempo, eu dançava muito bem e quando as melhores iam para o Teatro Municipal do Rio, no corpo de balé. E aí, eu não sei, não me lembro... A Tony tinha e a Beatriz Consuelo, mas o meu pai... Eu também

²⁶ Liselote Wald Barth

²⁷ Antonia Seitz Petzhol

não fazia muito porque era muito sacrifício, sabe? Mas o balé me deu uma coisa muito importante, era a rigidez de tudo, sabe? Eu fiquei forte. A Tony era descendente de alemão, ela era medonha! “Ai Tony!”. “Se tu está gritando é porque tu pode!”. Ela me tornou forte, sabe? E é verdade, porque a gente é mimosa. “Ah, está dizendo ai, volta para a coisa...”. Então ela foi uma pessoa muito importante para mim. E é verdade, se eu estou dizendo “ai” é porque eu posso. Porque senão eu estava, não dizia nada. Então, o balé te dá... Porque tu sempre faz igual. Eu, por exemplo, agora, a natação antigamente tu ficava... O *crawl*, tu ficava assim, fazia assim. Agora tu faz assim, assim e vira, ninguém aprende. Quem aprendeu como eu, não pára. Aí o Mauri Fonseca, que é o meu treinador, ele disse: “Zaida, tu tem que virar de um lado para outro”. E eu fiz, sabe? E todo mundo ficou bobo. Quem sabia, ninguém faz, virar de um lado e do outro.

K.D. - Para respirar?

Z.S. - Para respirar, não, o corpo virar! Porque a gente fazia assim... Aqui era uma muralha e tu nadava assim. Nadava assim.

K.D. - Sem girar o tronco?

Z.S. - Isso era uma muralha, quer dizer, com o impacto aqui da água, isso aqui era uma barbaridade. Agora tu faz assim, quer dizer tu [palavra inaudível], melhora tempo, melhora tudo. Então, e eu aprendi. E ninguém atinava como é que eu entrava, porque os que eram do meu tempo, ninguém fazia. Aí eu fiquei pensando, é o balé! Só pode ser! Eu não sou mais do que os outros. Acontece é que eu tenho quatro anos de balé. Que aquilo tudo... Tu tem que ser dona dos teus músculos. Tudo. Porque o balé é terrível! E eu acredito que seja isso, porque eu nado... Agora, a última natação que eu nadei, uma pessoa estava ali e disse assim para mim: “Zaida, eu não vi ninguém ter o teu estilo!”. Eu disse: “Por que?”. Eu achei que era uma coisa assim... “Tu nada perfeito o *crawl*. Como é que tu consegue? Tu és veterana”. Ele disse assim. E eu não... Depois é que eu atinei, é o balé, que me deu essa... Que o balé, sabe, tudo, sai para lá, sai para cá, a música, tudo. E foi isso que me deixou eu nadar, assim. Porque eu sou do tempo que a gente, aquilo era uma muralha, assim, ninguém consegue. Eu sei que muita gente vai lá para o Mauri Fonseca para ver... Antigo. Tem um grande campeão, que é o [palavra inaudível], e ele não consegue fazer isto. Um

dia o Mauri: “A Zaida faz, porque tu não vai fazer?”. Que ele é do meu tempo. Aí eu disse: “Mauri, eu acho que eu não sou diferente, é porque eu tenho o balé”. Só pode ser, eu não posso ser diferente dos outros, porque os moços tudo nadam assim, sabe? Tudo nadam. Agora, as pessoas velhas não. Que não são muitos, que tem, daquele tempo, assim, não são muitos. Aqui, os *masters*, não tem importância. Na Europa, nos Estados Unidos, tem campeonato de *masters*, só questão de idade, como tem infantil, tem adulto, tem *master*. Eles aqui não ligam para os *masters*, sabe? É pena, porque as pessoas têm chance. Depois, a natação é uma coisa perfeita. Não tem nada, tu respira, tu mexe com isto, e é uma coisa agradável, porque tu está na água, tu sai, tu toma o teu banho, sai fresquinha, é uma coisa... Mas infelizmente as pessoas ainda não estão assim, muito... E faz bem para a gente. Eu me sinto muito melhor depois que eu comecei a nadar. Bom, isso é só que eu posso dizer para vocês.

K.D. - Posso te fazer mais uma pergunta?

Z.S. - Pode, o que tu quiseres!

K.D. - Quem é que organizava as competições?

Z.S. - Era a Liga Náutica do Rio Grande do Sul²⁸. Era uma sociedade que... Eu acredito que a alma de tudo era o Túlio De Rose, porque ele é que fazia. Porque as competições era mais ou menos o que vinha do exterior. Porque as classes, eram três classes: juvenil, os adultos e os *masters*. Isso tudo já veio mais ou menos organizado da Europa, dos Estados Unidos, não sei bem. Que eu nunca perguntei isso. Mas não foi coisa nossa, porque quando eu voltei, depois de sessenta anos, eu já vi que estava nos *masters*, eu nem sabia disso. Então, eu acho que isso já vinha da Europa, dos Estados Unidos. Tu está me perguntando, eu estou achando. Porque eles fazem a mesma coisa. Nós, aqui no Brasil, em São Paulo está muito adiantado a natação, aqui eu não posso saber. Os *masters* não tem muita... Assim, os moços sim, mas os *masters* não chamam a atenção, nem nada. Não se deram conta ainda, nós estamos bem atrasados, porque eu vi que São Paulo está mais adiantado. É, e depois eu acho que a própria temperatura, apesar de que, hoje tem a água quente, mas

não é bem assim. A gente tem que esperar e sair de lá com um frio desgraçado. Então, não é a piscina que vai resolver, porque a gente já tem uma certa idade. Eu, por exemplo, agora eu fiquei com asma, imagina, de um remédio que me deram. Me deu uma alergia, fui três vezes para o hospital, quase morri. Essas coisas, um grande médico. Fez essa besteira. Imagina, me deu um remédio novo, ele não conhecia e não me fez exame. Nada, tu acredita que me aconteceu agora... E a sorte é que eu peguei um médico de pulmão que ele se deu conta. Foi e perguntou para o médico o que tinha ali e fez teste em mim e deu. Fui para o hospital três vezes. Quer dizer, este médico é de matar. A minha empregada, ela é minha faxineira, ela sempre fala: “Ah, porque é serviço público...”. Eu disse para ela: “Tá vendo... Eu fui três vezes pagando, pagando!”. Que ela sempre acha, porque não é verdade. Porque eu tenho filho médico e ele arrumou para ela, quem atende ela é o meu médico, o Paulo, lá no Hospital de Clínicas²⁹. Eu disse assim: “Tu tem o mesmo médico!”. “Ah, mas eu tenho que esperar!”. Eu disse para ela: “Vem cá, tu pensa que ele me marca uma hora assim. Às vezes eu vou lá, eu vou depois do almoço e saio de noite”. E agora eu disse para ela: “Agora tu vê, o que eu passei tu nunca passaste”. Não é, eu acho os médicos hoje... Eu acho, eu não sei, não sei eles não ligam muito, é muita coisa, sabe? Porque isso que esse médico fez para mim, Deus o livre! Se não fosse esse hoje, de hoje, eu estava morta! De alergia. Como é que eu vou... Experimenta em mim, uma pessoa de setenta e sete anos, um remédio? Ele não conhecia. “Ó, tem uma coisa nova”. E *tan* no meu joelho! Bom, aí eu comecei, aquele troço e a ter isso e a ter aquilo. Aí esse médico, até foi agora que eu vim pegar ele. E ele que descobriu o negócio. Não, mas tem que ter alguma coisa. E aí viu a alergia. Sabe que eu tive que ir cinco, seis vezes para o hospital. Bom, sobrevivi. Isso é que é importante. Bom, então qualquer coisa que vocês quiserem... Olha, isso é tudo... O que eu contei para vocês é o que passei. Não, tu pode fazer a conta que tu quiseres, eu só quero dizer para vocês o que eu sei. Não, eu devo saber muito mais, não me lembro, qualquer coisa eu dou o telefone, vocês me telefonam para perguntar. Porque na verdade eu só sei coisa da natação, viu? Eu alguma coisa de atletismo, por causa desta amiga minha, ela foi uma grande campeã. Agora, o que ela fez, eu não me lembro. Eu sei que ela foi da Sogipa.

²⁸ Liga Náutica do Rio Grande do Sul, que foi incorporada pela Federação aquática do Rio Grande do Sul, depois denominada de Federação Gaúcha de Esportes Aquáticos, que em 1941 se transforma em Federação Rio Grandense de Remo.

²⁹ Hospital de Clínicas de Porto Alegre

K.D. - Eu queria saber de ti, nesta década de 30 e 40 que foi, que tu começaste no esporte, que outros esportes ou práticas corporais, dança e coisa e tal eram incentivado, as mulheres praticavam, as tuas amigas praticavam?

Z.S. - Não, eu não tive nenhuma amiga das minhas relações que fizessem isso. No esporte eu fui a única, das minhas amigas, eu tenho dez amigas do colégio, que somos amigas até hoje. Só eu entrei para o esporte. Mas eu entrei por causa do meu pai, entendeu? Ele gostava muito e nos levou. Não era para... Eu acredito que eu assim... Geralmente eram pessoas mais simples que entravam para os clubes, não era... Muitos entravam porque davam para eles entrar no clube, para fazer esporte. São pessoas que nem eram sócias, elas ficavam sócias para... Não era comum mulher. Geralmente eram gente mais simples que eu.

K.D. - E as mulheres que praticavam, praticavam o quê? Tu nos falaste da natação, que começou naquela época e da dança. Mais alguma?

Z.S. - Olha, as minhas amigas ninguém dançavam. Quem dançava era assim, vamos dizer, que estavam bem na vida, porque tinha que pagar, mas assim, não era gente de muito recurso, sabe? Que estavam querendo. Eu porque eu sempre gostei de dança, desde pequenina que eu danço. Aí eu entrei para a Tony. E para mim foi muito bom para a natação, porque no inverno a gente ficava parada. E eu tinha isso porque eu dançava. Foi muito bom para mim! Mas eu na verdade, eu gostava de dançar, mas não queria ser bailarina, sabe? Eu queria fazer isto porque... Nunca pensei, por exemplo, a Thaís não, ela... Os pais queriam... Ela foi fantástica, não sei agora, tem que ver onde ela está, porque às vezes eu gosto... Depois passa aquilo e as pessoas somem. Esses dias eu me lembrei dela, sabe? Ai eu vou saber onde anda a Thais Consuelo³⁰, porque às vezes ela pode ter projeção e ter casado no exterior...

K.D. - Beatriz?

Z.S. - É a Beatriz? Foi.

³⁰ A entrevistada está fazendo referência à Beatriz Consuelo, que atualmente mora na Suíça onde atua como diretora de uma companhia de dança

K.D. - A Beatriz esteve aqui há pouco tempo atrás.

Z.S. - Ah é?

K.D. - Ela foi visitar o Centro de Memória do Esporte, doou algumas fotos dela.

Z.S. - Ela foi uma grande bailarina!

K.D. - Ela está morando na Suíça.

Z.S. - Ah, eu achei, sabe?

K.D. - Eu tenho o endereço dela, eu te passo.

Z.S. - Não, não precisa. Gostaria se ela viesse assim, de falar. Não seria... Porque dizer que ela era... Ela dançava comigo. Mas ela era mais moça do que eu e a gente não tinha, assim, relações. Aliás, eu fui a única da minha turma, balé, esporte, as outras todas ninguém fazia isto. Das dez, só eu.

K.D. - Esportes como vôlei?

Z.S. - Não, não se fazia. As pessoas assim, de um certo nível assim, de melhor aquisição não se metiam nisso. Acho que só eu que tinha. Eu me lembro no Bom Conselho³¹, na Semana da Pátria todo mundo desfilava de todo o Bom Conselho, a única que pediam licença era eu.

K.D. - Como assim?

Z.S. - Para desfilar, porque queriam que eu desfilasse assim com as medalhas. Na Parada da Mocidade, de 7 de Setembro. E do Bom Conselho todo, eu era a única que pediam para sair do Bom Conselho, para desfilar com o esporte, porque os colégios desfilavam. E eles pediam, porque para... Eu é que tinha mais medalhas mesmo. Para desfilar no clube. E tu

vê, eu sei que lá todo mundo queria me conhecer lá no Bom Conselho, eu era uma coisa a parte no colégio inteiro.

K.D. - Mas te viam com bons olhos?

Z.S. - Ah, sim! Elas ficavam maravilhadas! As minhas amigas e outros, de vez em quando vinha uma pessoa falar, às vezes também eu estava na rua e diziam assim: “Ah, tu é a Zaida Sisson!” Aí vinha assim: “Ah, eu sou a mãe da Fulana, lá do Bom Conselho”. Quer dizer, até os pais... Era época de mudança. E eu via que as pessoas tinham admiração por mim. Depois já a minha irmã já foi mais fácil. Ela também esteve no Bom Conselho. Aquele meu irmão estava no Rosário³², aquele ali também, ele foi um grande campeão. Mas ele era mais moço do que eu. O pequeninho que nunca deu nada, mas nós demos e o mais velho também nunca deu nada. E nós três fomos. A minha irmã faleceu.

K.D. - Como era a educação física escolar?

Z.S. - Ah, a gente fazia... Era um professor alemão, professor Black³³, esse era muito importante, foi ele que trouxe o esporte para o colégio. A gente tinha um calção assim e coisa e se fazia ginástica assim. Vai para lá e vai para cá, simples, ginástica simples. E esse era o nosso professor Black. Depois o professor Black começou a trabalhar com outros colégios e veio o da Brigada, o tenente. Ele era bonito! E a madre: “Senhor Tenente!”. A madre lá do colégio, se tu visse o que era, nós... [risos] Mas um dia a minha... A que cuidava da gente, uma freirinha, sabe? Não viu que ela estava ali, uma coisa assim. “Senhor tenente!”. E ela fez assim, quer dizer, ela já tinha notado que a gente... Ela ficava com um arreganhamento com o tal de tenente, minha filha... A velha, ela foi uma grande diretora, ela mudou o uniforme do Bom Conselho, ela botou a ginástica, ela era formidável, mas a paixão dela era o senhor tenente. Olha! E a gente...Guria é danada. Mas tinha a irmã Francisca, quando viu ficou rindo, nem disse nada claro, ela só fez assim e saiu. Mas ela foi uma grande diretora do Bom Conselho essa madre. Ela mudou o uniforme, botou o esporte e muita coisa.

³¹ Colégio Bom Conselho fundado em 21 de junho de 1905

³² Colégio Marista Rosário, fundado em 1904

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³³ Karl Black